



revista cristã
última chamada

Brian Schwertley

O
Historicismo
é uma
Posição
Escatológica
Defensável?

O Fim dos Tempos como você nunca ouviu falar!



- ▶ Arrebatamento
- ▶ Fim do mundo
- ▶ Guerras
- ▶ Grande Tribulação
- ▶ Milênio
- ▶ Preterismo
- ▶ Pós-milenismo



**www.
revistacrista
.org**

O
Historicismo
é uma
Posição
Escatológica
Defensável?

Brian Schwertley

Tradução e adaptação textual por
César Francisco Raymundo



revista cristã
última chamada

Patrocine esta obra!

Colabore com este trabalho que visa reformar o verdadeiro ensinamento sobre a Escatologia (ou fim dos tempos), o qual foi tão suprimido nos últimos séculos. Acima de tudo pedimos que nos ajude com as suas orações, para que possamos continuar a ter vigor para continuar e resistir os desafios de cada dia.

Se você pretende patrocinar esta revista, saiba, nós não prometemos as bênçãos de Deus para você, mas garantimos que você estará abençoando outros que precisam ter nossas literaturas gratuitamente.

Doe via depósito bancário

Banco: Caixa Econômica Federal

Em favor de: César Francisco Raymundo

Agência: 3298

Operação: 013

Conta: 00028081-1

Usufrua gratuitamente do site

Temos perto de mil arquivos de artigos, vídeos e mensagens sobre escatologia em geral. Todos eles divididos em ordem alfabética.

www.revistacrista.org

Contato:

ultimachamada@bol.com.br

contato@revistacrista.org

O Historicismo é uma Posição Escatológica Defensável?

Autor: Brian Schwertley

Capa: César Francisco Raymundo
(Imagem de Pixabay.com)

Copyright 2015 © Brian Schwertley

Revista Cristã Última Chamada publicada
com a devida autorização e com todos os
direitos reservados no Escritório de Direitos
Autorais da Biblioteca Nacional do Rio de
Janeiro sob nº 236.908.

É proibida a distribuição deste material para fins comerciais.
É permitida a reprodução desde que seja distribuído gratuitamente.

Editor
César Francisco Raymundo

E-mail: ultimachamada@bol.com.br
Site: www.revistacrista.org

Porto Belo – Santa Catarina

Novembro de 2025

Índice

Sobre o autor	07
Introdução	08
Tentativas dos historicistas de contornar os indicadores de tempo	12
Será que os dias são realmente anos?	23
Os mil anos do Milênio	26
A compreensão historicista dos mil anos	35
Outros problemas com a cronologia historicista	38
As visões não-historicistas do Apocalipse são inconfessionais?	42
Conclusão	48
Obras importantes para pesquisa...	50

Sobre o autor

O Rev. **Brian M. Schwertley** é graduado pelo Seminário Episcopal Reformado (Filadélfia, Pensilvânia) com um mestrado em Divindade. Ele foi ordenado na Igreja Presbiteriana Reformada da América do Norte em 1996 e atuou como plantador de igrejas e ministro em Michigan, Wisconsin e Texas.

O Rev. Schwertley é autor de diversos livros e monografias acadêmicas, com publicações em periódicos como *The Christian Statesman*, *The Homeschool Digest*, *Semper Reformanda*, *The Chalcedon Report*, *The Puritan Journal of Brazil*, *The New Southern Presbyterian Review* e *The Counsel of Chalcedon*. Suas obras foram traduzidas para vários idiomas, incluindo português, alemão, búlgaro, espanhol, italiano, dinamarquês e sueco. O Rev. Schwertley e sua esposa, Andrea, são casados desde 1984 e têm cinco filhos, todos educados em casa.

- Introdução -

A abordagem historicista das Escrituras, em particular do livro do Apocalipse, é a abordagem dos Reformadores e comentaristas protestantes históricos (por exemplo, John Wycliffe, John Knox, William Tyndale, Martinho Lutero, João Calvino, Ulrico Zuínglio, Filipe Melanchthon, Isaac Newton, Matthew Poole, Jonathan Edwards, George Whitefield, E.B. Elliott e outros). Ela é caracterizada por uma série de interpretações e pressupostos.

Primeiro, diz-se que o livro do Apocalipse profetiza toda a era da igreja, desde os apóstolos até a segunda vinda de Cristo. Assim, encontraremos interpretações que ensinam que a abertura dos sete selos nos capítulos 6 e 7 se refere às invasões bárbaras que conquistaram o Império Romano do Ocidente. Muitos historicistas argumentarão que o escorpião e os gafanhotos que saem do poço sem fundo (capítulo 9) se referem aos grandes exércitos muçulmanos que conquistaram a Ásia Menor e atacaram o Império Romano do Oriente. Muitos afirmam que os cavalos com caudas que picam e bocas flamejantes são invasores turcos muçulmanos posteriores. Uma das poucas coisas em que todos os historicistas concordam e que poderia ser chamada de característica central de seu sistema é que a besta do capítulo 13 é o papado romano. A visão historicista foi formulada no auge do poder e da influência papal; consequentemente, os historicistas consideram o papado o grande inimigo da igreja durante a maior parte de sua história. De fato, no sistema historicista, a completa derrubada do papado coincide

virtualmente com o início do milênio (que, em sua interpretação, é uma era de ouro literal de 1.000 anos), onde o protestantismo bíblico é a visão de mundo e a força dominante no planeta Terra. Veja o comentário de Matthew Poole sobre Apocalipse 19:20:

“O resultado desta grande batalha será a ruína total de todos os inimigos da igreja, seus corpos sendo feitos de alimento para as aves do céu, suas almas lançadas no abismo do inferno. A parte secular do anticristo é aqui entendida pela besta; o anticristo eclesiástico, pelo falso profeta, que enganou príncipes e pessoas crédulas, com seus pretensos milagres, levando-os a uma idolatria que era apenas a imagem da antiga idolatria dos pagãos, na adoração de demônios, e as imagens daqueles que eram em grande estima entre eles enquanto estavam vivos. Ambos foram lançados vivos em um lago de fogo ardendo com enxofre; ambos, o partido papal laico e secular, e todo o seu partido eclesiástico, que restar até hoje, serão agora destruídos. Na verdade, algo que provavelmente não aparecerá no mundo por duzentos anos ou mais, e assim obscuramente predito, quem pode ter certeza e precisão? Mas este parece ser o sentido, com base nas hipóteses anteriores: Que a besta com as sete cabeças e dez chifres mencionada no capítulo XIII. 1, é o anticristo, começando com aqueles imperadores romanos que favoreceram a idolatria introduzida pelos bispos de Roma, e terminando no bispo universal, ou papas de Roma, e seu clero, que rapidamente se desvencilharam do poder do imperador e, por mil duzentos e sessenta anos, reinaram, estabelecendo idolatria e superstição, e corrompendo a doutrina da fé, e, nos últimos seiscentos anos, perseguindo a verdadeira igreja de Cristo de forma mais notória”.¹

¹ Matthew Poole, Um Comentário sobre a Bíblia Sagrada (Carlisle, PA: Banner of Truth, [1685] 1963), 3:1001. É notável que Poole, escrevendo antes de 1685, diga que o papado será derrubado em cerca de 200 anos. Isso indica que Poole, assim como a maioria dos estudiosos modernos, situa o início do papado com Gregório I (590-604 d.C.). Os 1.260 anos de acordo com o sistema historicista deveriam ter chegado ao fim por volta da Guerra Civil (cerca de 1850-1864). Obviamente, isso não ocorreu.

A visão de que o livro do Apocalipse nos apresenta uma história cronológica de toda a era da igreja tem sérios problemas. Um dos principais problemas dessa visão é que ela é simplesmente presumida e não comprovada. Na verdade, parece contradizer o ensinamento claro do livro. Quando o livro do Apocalipse se apresenta, ele diz aos seus leitores como interpretar as profecias contidas nele:

“Revelação de Jesus Cristo, que Deus lhe deu para mostrar aos seus servos as coisas que em breve devem acontecer” (1:1).

Então, como se quisesse garantir que seu público não interpretasse mal o indicador de tempo do versículo 1, Ele repete-se no versículo 3 usando uma terminologia diferente, embora sinônima: “Bem-aventurado aquele que lê...que ouve...e guarda as coisas que estão escritas neste livro [esta profecia]; porque o tempo está próximo [kairo eggus]”. As expressões “em breve ocorrerá” ou “o que em breve deve acontecer [en tachei]”, bem como “o tempo está próximo [kairo eggus]”, nos dizem que o Apocalipse não se preocupa com toda a história da igreja ou apenas com o fim do mundo, mas principalmente com eventos que estavam prestes a acontecer, que eram muito relevantes para o público que recebeu o Apocalipse. Esses indicadores de tempo injetam uma nota de urgência nos leitores. O livro do Apocalipse afirma repetidamente que suas profecias se relacionam principalmente ao tempo presente (1:1, 3; 22:6, 10), não à história mundial ou apenas ao futuro distante. Esse ensinamento sobre um cumprimento iminente é reafirmado duas vezes no final do livro: “o Senhor Deus do santo profeta enviou o seu anjo para mostrar aos seus servos as coisas que em breve devem acontecer [genesthai en tachei]” (22:6); “Não sele as palavras da profecia, pois o tempo está próximo” (22:10).

As observações de Gentry sobre os claros indicadores de iminência são muito pertinentes:

“Os indicadores temporais que delimitam o texto, apontados pelos preteristas, não podem ser descartados levemente. João está escrevendo para sete igrejas históricas (Ap 1:4, 11; 22:16), que esperam tempos difíceis (Ap 2:3). Ele testemunha estar com elas na “tribulação” (Ap 1:9, *en te thlipsei*). Ele espera que essas mesmas igrejas ouçam e compreendam (Ap 1:3; 22:7), devido à proximidade dos eventos (Ap 1:1, 3; 22:6, 10). Um dos gritos de agonia de seus companheiros de sofrimento recebe ênfase. Em Apocalipse 6, as almas martirizadas no céu suplicam pela justa vindicação de Deus: “E clamavam em alta voz, dizendo: ‘Até quando, ó Senhor, santo e verdadeiro, esperarás para julgar e vingar o nosso sangue dos que habitam sobre a terra?’ E a cada um deles foi dada uma veste branca; e foi-lhes dito que repousassem ainda um pouco de tempo” (Ap 6:10-11).

A relevância original, então, reside na fechadura e nos textos temporais como a chave para abrir a porta do Apocalipse.

Que termos João poderia ter usado para falar da expectativa contemporânea, além daqueles que, de fato, são encontrados em Apocalipse 1:1, 3; 22:6, 10 e outros lugares?”²

Essa ênfase em um cumprimento iminente não deve ser ignorada ou descartada porque nos aproximamos do texto com um paradigma profético ou com noções preconcebidas. Os estudiosos modernistas levam a sério o significado óbvio dos indicadores de tempo, mas cometem o erro fatal de argumentar que a primeira geração de cristãos esperava que Jesus retornasse em breve, mas estava obviamente enganada. Eles erram porque rejeitam a inspiração e a infalibilidade das Sagradas Escrituras e não entendem a diferença entre uma vinda corporal literal e uma vinda em julgamento.

² Kenneth L. Gentry, Jr., *He Shall Have Dominion* (Tyler, TX: Institute for Christian Economics, 1992), 164.

Tentativas dos historicistas de contornar os indicadores de tempo

Os historicistas apresentam vários argumentos com os quais tentam refutar o significado literal do texto grego, segundo o qual João esperava que o cumprimento da maior parte das profecias ocorresse em breve ou logo após ele as ter registrado.

(1) Os expositores historicistas não aceitam o significado claro do texto grego, mas lhe dão uma pequena distorção para que se encaixe em seu sistema. Em vez de aceitar o que a passagem diz (que estas coisas [plural] estão prestes a acontecer), eles ensinam que o cumprimento das profecias começaria a acontecer em breve. Matthew Poole diz:

“Podemos permitir que ele diga que aquelas coisas deveriam acontecer em breve, que logo depois começariam a se concretizar, embora não se completem até a segunda vinda de Cristo”.³

³ Matthew Poole, *Um Comentário sobre Toda a Bíblia*, 3:949. Com relação à declaração no versículo 3, “o tempo está próximo” ou “o tempo está perto”, Poole diz: “Pois o tempo está próximo; a época para a realização dessas coisas está próxima, não passada, mas o tempo em que elas começarão a acontecer não está muito longe” (Ibid.). Curiosamente, o historicista David Steele, em suas *Notas sobre o Apocalipse* (1870), não diz uma palavra sequer sobre os indicadores de tempo nos versículos 1 e 3 (ver pp. 15-19).

Ele então rejeita a visão preterista ortodoxa ou parcial porque acredita que o Apocalipse foi escrito após a destruição de Jerusalém. Os comentários de Matthew Henry são semelhantes:

“Esses eventos... começariam a acontecer muito em breve”.⁴

Embora tenhamos grande respeito por esses comentaristas piedosos e eminentes e os leiamos quase diariamente, é simplesmente uma exegese pobre inserir algo na passagem que não está lá, apenas para que ela se encaixe em nossas pressuposições ou em nosso sistema escatológico. Embora a interpretação historicista não seja tão ruim quanto a daqueles que defendem a interpretação espiritual ou a visão futurista,⁵ ela se recusa a aceitar o texto em seu valor literal. Os historicistas que nos acusam de heresia por não aceitarmos a antiga visão protestante tradicional não nos condenam por acrescentar algo às Escrituras, mas por aceitarmos o significado literal das Escrituras.

⁴ Matthew Henry, *A Commentary on the Whole Bible*, 6:1119.

⁵ A visão espiritual, que sustenta que as visões são lições que transcendem qualquer tempo ou lugar específico, ensina que o tempo está sempre próximo. O dia do Senhor ou a segunda vinda corporal, nos dizem, está sempre iminente. Embora concordemos que todos devemos viver como se Cristo fosse retornar hoje (Mc 13:35), a segunda vinda corporal não poderia ser iminente, pois todo o mundo (isto é, o planeta Terra) precisa ser discipulado. O intérprete futurista nos diz que a palavra “em breve” significa que, quando as profecias (que estão a cerca de 2.000 anos no futuro) começarem a se cumprir, elas ocorrerão “rapidamente”. O problema com essa interpretação de en tachei é que o contexto imediato (“o tempo está próximo”, v. 3) a torna impossível. A tradução “em breve” ou “logo” deve ser mantida. Futuristas e alguns historicistas argumentam que a expressão “o tempo está próximo” (v. 3) não deve ser vista de acordo com o tempo humano, mas de acordo com a forma como Deus calcula o tempo. Visto que mil anos para Deus são como um único dia (2 Pedro 3:8), os eventos do Apocalipse podem envolver milhares de anos de história (historicismo) ou podem ocorrer milhares de anos no futuro (futurismo). Como esta epístola foi escrita para seres humanos e não para Deus, tal interpretação é insustentável e forçada. Será que o público original interpretaria “em breve”, “logo”, “prestes a acontecer” ou “o tempo está próximo” como algo que ocorrerá em alguns milhares de anos no futuro?

Ao examinar os indicadores de tempo, a pergunta que devemos fazer é: como o público original teria entendido essas palavras?

(2) Os historicistas modernos frequentemente argumentam que a interpretação preterista do livro do Apocalipse é, na verdade, apenas uma visão católica romana tardia, elaborada pelo erudito jesuíta Luis de Alcazar (1554-1613) para refutar a visão protestante e proteger o papado dos ataques dos reformadores.

O problema com essa visão é que ela simplesmente não é verdadeira. Eusébio (c. 310 d.C.), o grande historiador da igreja, após discutir o relato de Josefo sobre a destruição de Jerusalém, afirma que foi um cumprimento de Mateus 24 (a visão ortodoxa ou parcialmente preterista de Mateus 24 também era defendida pelo Covenanter David Dickson e pelo erudito batista John Gill). “O preterismo está bem estabelecido em Mateus 24:3-34, como muitos dos primeiros pais da igreja reconheceram”.⁶

No início do século VI, Andrés da Capadócia escreveu um comentário sobre o Apocalipse que ainda existe. Embora ele não tenha adotado a abordagem preterista, ele conhecia alguns que a adotavam. Comentando sobre Apocalipse 6:12, ele escreveu:

“Não faltam aqueles que aplicam esta passagem ao cerco e à destruição de Jerusalém por Tito”.

Também sobre Apocalipse 7:1, ele escreveu:

“Essas coisas são referidas por alguns aos sofrimentos que foram infligidos pelos romanos aos judeus”.

Outro comentário sobre o Apocalipse, escrito (provavelmente) no século VI por Arethas, diz sobre Apocalipse 6:12:

⁶ Kenneth L. Gentry, Jr. *He Shall Have Dominion*, 163.

“Alguns referem isso ao cerco de Jerusalém por Vespasiano”.

Sobre Apocalipse 7:1, Arethas escreve:

“Aqui, então, aconteceria aos judeus em sua guerra contra os romanos, no caminho da vingança pelos sofrimentos infligidos a Cristo”.

Em 7:4:

“Quando o Evangelista recebeu esses oráculos, a destruição na qual os judeus estavam envolvidos ainda não havia sido infligida pelos romanos”.⁷

A abordagem preterista de Mateus 24 e do livro do Apocalipse existia e era bem conhecida mais de mil anos antes dos escritos de Luís de Alcázar. Mas e quanto aos historicistas que insistem que todos os membros da Assembleia de Westminster eram historicistas? Em relação a tal afirmação, devemos ter em mente algumas coisas.

(a) Não devemos determinar nossa interpretação da profecia contando cabeças. O historicismo foi a posição dominante dos protestantes por mais de dois séculos, mas não é a posição dominante da igreja ao longo de sua longa história. Hoje, é defendido por uma pequena minoria de cristãos e suas previsões sobre o papado foram comprovadas como falsas com o passar do tempo (isso será discutido abaixo).

(b) O grande erudito John Lightfoot, que participou da Assembleia de Westminster (1643-49), era um preterista. Em seu comentário sobre Mateus 24:34, Lightfoot escreve:

⁷ Steve Gregg, Editor, *Revelation: Four Views A Parallel Commentary*, (Nashville: Thomas Nelson, 1997), 39-40.

“Portanto, parece bastante claro que os versículos anteriores [do Discurso do Monte das Oliveiras] não devem ser entendidos como referentes ao juízo final, mas, como dissemos, à destruição de Jerusalém. Havia alguns entre os discípulos (particularmente João) que viveram para ver essas coisas acontecerem. Compare com Mateus 16:28 e João 21:22”.⁸

Ele até acreditava que 2 Tessalonicenses 2 não se referia à segunda vinda, mas à vinda de Cristo em julgamento sobre a nação judaica.⁹ Após sua morte, seu comentário em latim foi concluído pelo erudito alemão Johann Christian Schoettgen (1687-1751), que compartilhava da mesma visão. Schoettgen considerava o “homem do pecado” em 2 Tessalonicenses 2:3-3 como todos os fariseus, rabinos e mestres da lei incrédulos que se opunham a Cristo, seus apóstolos e o evangelho. Ele aplicou esta passagem ao papado e a todo o clero católico romano.¹⁰ Deve-se ter cuidado para não ver uma visão monolítica da profecia quando de fato, diferentes visões existiam.

(3) Os historicistas também afirmam a data tardia do livro do Apocalipse (cerca de 96 d.C.) como prova de que o livro não poderia ter nada a ver com o julgamento de Deus sobre os judeus ou a destruição de Jerusalém (70 d.C.). Essa visão, comum entre os comentaristas modernos, não se baseia na evidência interna do próprio livro, mas sim em uma declaração ambígua de Irineu (120-202 d.C.). Sua declaração (conforme interpretada por aqueles que favorecem uma data posterior) situa a escrita do Apocalipse “por volta do final do reinado de Domiciano [81-93 d.C.]”. Irineu é a única fonte para a data tardia e outras fontes cristãs antigas só se baseiam

⁸ John Lightfoot, *A Commentary on the New Testament from the Talmud and Hebraica: Matthew – 1 Corinthians* (Peabody, MA: Hendrickson, [1859] 1989), 1:320.

⁹ John Lightfoot, *The Whole Works of the Rev. John Lightfoot* (London: J.F. Dove, 1822), 3:230-234. See Gary DeMar, *Last Days Madness: Obsession of the Modern Church* (Atlanta: American Vision, 1994), 352-366.

¹⁰ See Demar, 357-358.

nele.¹¹ Aqueles que defendem uma data posterior dizem que a perseguição se encaixa melhor no reinado de Domiciano, que abrangia todo o império, do que no de Nero, que era mais local e esporádico. Em resposta a esse argumento, precisamos ter em mente que:

(a) houve severa perseguição aos cristãos durante a década de 60, tanto por judeus quanto por romanos; e (b) o livro é profético e

¹¹ Steve Gregg escreve: “Em A Besta do Apocalipse, o Dr. Kenneth Gentry reúne sete fortes razões, algumas linguísticas, algumas contextuais e outras lógicas, para interpretar a declaração de Irineu como significando que João – não a visão – foi visto durante o principado de Domiciano. Por exemplo, anteriormente na passagem, Irineu se refere a ‘todas as... cópias antigas’ do Apocalipse. Isso pressupõe que o livro já existia há bastante tempo antes dessa declaração ser escrita. Se havia cópias antigas, o original não seria ainda mais antigo? No entanto, na avaliação de Irineu, o tempo do reinado de Domiciano não era considerado história muito antiga, pois ele fala dele como ‘quase em nossos dias’. Como poderia Irineu falar de ‘cópias antigas’ de uma obra cujo original havia sido escrito ‘quase’ em seu próprio tempo? Com referência à sua menção ao reinado de Domiciano, existem fundamentos para acreditar que Irineu estava falando do tempo da última vez em que João foi visto pelos irmãos, e não do tempo em que João teve a visão apocalíptica. Gentry parafraseia o que ele acredita ter sido o pensamento de Irineu da seguinte forma: “Não é importante para nós sabermos o nome da Besta (ou Anticristo), que estava oculto no número 666. Se fosse importante, por que João não nos contou? Afinal, ele viveu quase até a nossa época e conversou com alguns homens que conheci.” Os argumentos de Gentry, independentemente dos sentimentos modernos, apresentam uma defesa formidável da datação precoce do Apocalipse. Não encontrei nenhum tratamento da datação do Apocalipse mais completo do que sua dissertação sobre o assunto” (Apocalipse: Quatro Perspectivas, 18). Uma tradução literal da versão grega da declaração de Irineu, encontrada em dois lugares diferentes na História Eclesiástica de Eusébio (310 d.C.), diz: “Mas se fosse necessário anunciar seu nome claramente no presente tempo, teria sido dito por aquele que viu o Apocalipse. Pois [ele ou isso] não foi visto há muito tempo, mas quase em nosso tempo, no final do reinado de Domiciano” (David E. Aune, Apocalipse 1-5 [Dallas: Word, 1997], lviii). “‘Aquele que viu o Apocalipse’ [João de Patmos] é o sujeito lógico da oratória... o que Irineu tinha em mente era comentar sobre quanto tempo o autor do Apocalipse havia vivido, não sobre quando ele havia escrito o Apocalipse” (Ibid., lix.).

certamente poderia descrever eventos que ocorreram durante o reinado de Domiciano.

As evidências internas também favorecem uma data antiga. Em Apocalipse 1:7, lemos:

“Eis que ele vem com as nuvens, e todo olho o verá, até mesmo aqueles que o traspassaram; e todas as tribos da terra se lamentarão por causa dele. Sim, amém”.

Gary DeMar escreve:

“Aqueles que traspassaram Jesus morreram há quase dois milênios. Isso ajuda a explicar Apocalipse 1:7, onde a mesma expressão é usada. Aqueles que o “veem” são “aqueles que o traspassaram” (cf. João 19:7). João está nos dizendo que aqueles que traspassaram Jesus experimentaram a ira da Sua aliança. Apocalipse 1:7 deve estar referindo-se a um cumprimento anterior a 70 d.C., antes que aquela geração desaparecesse (Mateus 16:27-28; 24:34). “Os crucificadores o veriam vindo em julgamento – isto é, eles entenderiam que a Sua vinda significaria ira sobre a terra (cf. o uso da palavra ver em Marcos 1:44; Lucas 17:22; João 3:36; Romanos 15:21)”.

Equiparar “ver” com “entender” não é distorcer as Escrituras. É uma metáfora bíblica comum. Em João 12:40, Jesus cita Isaías 6:10 para explicar por que alguns não creram em Sua mensagem. Observe como “ver” é equivalente a “entender”: Tornar insensíveis os corações deste povo, surdos os seus ouvidos e obscurecidos os seus olhos, para que não vejam com os olhos, nem ouçam com os ouvidos, nem entendam com o coração, nem se arrependam e sejam curados (Isaías 6:10).

Ao citar Isaías, Jesus afirma que Jeová “cegou os seus olhos” (João 12:40). Esta não é uma cegueira física. A cegueira é espiritual. Ser cego não é entender; ver é entender e crer. “Abrir os olhos” é uma expressão usada pelos escritores bíblicos para descrever o

reconhecimento e a compreensão (Atos 26:18; cf. 1 Reis 8:29, 52; 2 Reis 2:16; 19:16; Isaías 35:5; 42:7, 16). Os olhos dos discípulos “foram abertos” por Jesus e “eles o reconheceram” (Lucas 24:31).¹²

Esta interpretação é fortemente apoiada pelo amplo contexto das Escrituras. Em Mateus 24:30, Jesus usa a expressão de Zacarias 12:10-12 e a aplica à destruição de Jerusalém. Mas, em vez de lamentar em arrependimento por seus pecados, ela lamentará em terror por sua destruição iminente. Não há razão para aplicar Apocalipse 1:7 em qualquer outro sentido. Se for objetado que esta visão não leva em conta as promessas positivas de Zacarias, precisamos ter em mente o ensinamento do Novo Testamento de que o julgamento de Deus sobre Israel (sua excomunhão) resultará em grandes bênçãos para o mundo inteiro e até mesmo Israel se voltará para o Senhor depois que a plenitude dos gentios tiver entrado (ver Romanos 11:1-12, 15, 23-24). Outro apoio excepcionalmente forte são as palavras de nosso Senhor ao sumo sacerdote em Seu julgamento: “Eu Sou. E vocês verão o Filho do Homem assentado à direita do Poderoso, e vindo com as nuvens do céu” (Mc 14:62).

Outro apoio é encontrado em Apocalipse 11:8, que nos conta o destino das duas testemunhas: “E os seus cadáveres jazerão na rua da grande cidade que espiritualmente se chama Sodoma e Egito, onde também o nosso Senhor foi crucificado”. Os historicistas argumentam que “a grande cidade... onde o nosso Senhor foi crucificado” tem que ser Roma. Eles precisam dizer isso porque:

(a) Após a destruição de Jerusalém em 70 d.C., a cidade não pode mais ser uma perseguidora dos cristãos. Aquilo que foi demolido não é mais relevante para a profecia (se o Apocalipse foi escrito depois de

¹² Gary DeMar, *Last Days Madness*, 161-162.

70 d.C., Jerusalém não seria mais a malvada perseguidora que espiritualmente é comparável a Sodoma e Egito);

(b) O grande inimigo dos verdadeiros cristãos no Apocalipse (segundo os historicistas) é o papado e a Igreja Católica Romana apóstata, que persegue e assassina as verdadeiras testemunhas de Jesus Cristo. Devido às suas pressuposições, os historicistas são forçados a ignorar o significado claro e óbvio do versículo 8. As acrobacias exegéticas e as contorções interpretativas envolvidas em fazer o texto ensinar o que ele não diz são chocantes.¹³ Se o texto for tomado ao pé da letra, então Israel e Jerusalém ainda estão de pé e

¹³ Para uma demonstração surpreendente de distorção das Escrituras em prol da compreensão historicista do versículo 8, veja John Gill, *Na Exposition of the New Testament*, 3:770. O historicista David Steele adota uma abordagem diferente, dizendo: “O lugar, onde as testemunhas jazem mortas é apontado por três lugares bem conhecidos na história sagrada: Egito, Sodoma e Jerusalém. Mas estes devem ser compreendidos misticamente. O lugar se assemelha ao Egito pela idolatria e crueldade para com o povo de Deus; é como Sodoma pela poluição literal e espiritual; e Jerusalém, onde nosso Senhor foi crucificado novamente e exposto à vergonha pública nas pessoas de suas testemunhas mortas” (*Notes in the Apocalypse*, 143). Observemos atentamente como ele distorce a passagem. A passagem diz: “E os seus cadáveres jazerão na rua da grande cidade que espiritualmente se chama Sodoma e Egito, onde também o nosso Senhor foi crucificado” (Ap 11:8). Somos informados especificamente de que a grande cidade, espiritualmente, é chamada de Sodoma e Egito. Steele está correto ao dizer que o Egito e Sodoma nos dizem como é a grande cidade. O Egito é o grande opressor dos santos. É a nação da qual Israel teve que ser libertado. Sodoma é a grande figura da imoralidade sexual, da infidelidade e da hostilidade à verdadeira santidade. Mas Steele está incorreto quando diz que Jerusalém também deve ser vista misticamente. Na verdade, ele ignora completamente a gramática e o significado óbvio do texto. Depois de observar que a grande cidade é espiritualmente chamada ou identificada com o Egito e Sodoma, há uma declaração separada sobre o lugar: “onde também o nosso Senhor foi crucificado”. Não há nada na declaração separada que a identifique como espiritual, mística ou alegórica. Sodoma e Egito nos dizem o caráter da grande cidade, não o lugar. O lugar onde o nosso Senhor foi crucificado (Jerusalém) identifica a localização geográfica e nos diz que Jerusalém é como o Egito e Sodoma. Qualquer outra interpretação é forçada e artificial.

pelo menos algumas das profecias do livro envolvem o Israel apóstata.

Que o versículo significa o que diz é comprovado pelas seguintes observações:

(a) A declaração “a cidade onde nosso Senhor foi crucificado” não é simbolismo ou imagem apocalíptica, mas visa explicar onde se encontra a apostasia e o poder perseguidor. Argumentar que Jerusalém é um símbolo de Roma porque estava sob autoridade romana ou porque Jesus foi crucificado por soldados romanos é absurdo. É agarrar-se a uma palha.

(b) Apocalipse 11:1-2 claramente estabelece o cenário em Jerusalém e nada em 11:3-13 sugere ou justifica uma mudança de cenário. Mesmo que interpretemos a medição do templo no versículo 1 simbolicamente como os verdadeiros crentes da Nova Aliança ou a igreja fiel de Cristo que adora a Deus em espírito e em verdade, a declaração explicativa: “E pisarão a cidade santa por quarenta e dois meses” no versículo 2 refere-se claramente ao fato de que Jerusalém será destruída por uma invasão de gentios. Os historicistas são forçados a alegorizar excessivamente passagens que não se encaixam em sua teoria. Os gentios, nos dizem, são aqueles que trazem o gentilismo de volta à igreja. Diz-se que o templo é a igreja de Cristo (o que faz sentido), mas depois nos é dito que o pátio e a cidade santa representam “pessoas que vêm em nome da igreja cristã”.¹⁴

(c) A ideia de que o público original pudesse de alguma forma desvendar a interpretação complexa dos versículos 2 e 8, comum entre os historicistas, é incrível. Se tivermos o cuidado de não exagerar na alegorização para sustentar um certo paradigma profético, o capítulo (que reconhecemos ser difícil) faz muito mais sentido.

¹⁴ Matthew Poole, *A Commentary on the Holy Bible*, 3:975.

Além disso, a profecia de Daniel 9 nos diz que toda revelação especial chegou ao fim na época em que a cidade santa e o santuário foram destruídos em 70 d.C.

O anjo Gabriel disse a Daniel que as “setenta semanas” terminariam com a destruição de Jerusalém (Dan. 9:24-27); e que esse período também serviria para “selar a visão e a profecia” (Dan. 9:24). Em outras palavras, a revelação especial cessaria – seria “selada” – quando Jerusalém fosse destruída. O Cânon das Sagradas Escrituras foi totalmente concluído antes da queda de Jerusalém.¹⁵

(4) Os historicistas argumentarão que a interpretação preterista não pode ser verdadeira, pois o livro contém descrições do juízo final, e o juízo final não ocorreu “em breve” ou “logo”. Como um preterista parcial que aceita o fato óbvio de que a segunda vinda corporal de Cristo e o juízo final ainda não ocorreram, eu entendo essa objeção. Mas essa objeção é realmente aplicável apenas a preteristas completos ou pantelistas, que são hereges perigosos. Os ortodoxos ou preteristas parciais aceitam o fato de que os santos veem o fim da história ou o julgamento final para lhes dar esperança. A introdução do livro diz: “...coisas [plural] que em breve devem acontecer” (Ap 1:1). Não diz que tudo dentro do livro está prestes a acontecer. É comum na profecia que a mensagem divina salte com pouca ou nenhuma explicação de eventos que em breve ocorrerão para eventos em um futuro distante. Esta é uma razão pela qual os judeus não entenderam a diferença de tempo entre a vida de humilhação e sofrimento de Cristo e o reino vitorioso do Rei messiânico glorificado. No Discurso do Monte das Oliveiras, nosso Senhor transita entre a destruição de Jerusalém, que ocorreu entre 66 e 70 d.C., e o fim do mundo e o julgamento final, milhares de anos no futuro, sem absolutamente nenhuma explicação. Diante desse fato, a objeção historicista ao significado óbvio dos indicadores de tempo e à interpretação preterista parcial deles não é sólida nem legítima.

¹⁵ David Chilton, *The Days of Vengeance*, 5.

Será que os dias são realmente anos?

Em segundo lugar, a interpretação historicista defende dogmaticamente a visão de que os dias no livro do Apocalipse representam anos. De acordo com esse sistema, Deus está revelando em linguagem simbólica o período profético exato. O período de 1260 dias (Ap 11:3; 12:6) refere-se a 1260 anos literais. Com base nesse princípio, quarenta e dois meses (Ap 11:2) também se tornam 1260 anos. Essa visão não se baseia em nada dentro do próprio livro do Apocalipse, mas é emprestada do simbolismo das setenta semanas de Daniel (cf. 9:24ss; neste capítulo, lê-se literalmente “sete”) e/ou de Ezequiel 4:4-6. Aqui, o profeta era obrigado a deitar-se de um lado por 390 dias e do outro lado por 40 dias para representar os anos de julgamento que Deus impôs a Israel e Judá. Note, porém, que no contexto imediato, Ezequiel ouve: “Eu te impus um dia para cada ano” (v. 6). A determinação de que os dias equivalem a anos no livro do Apocalipse não é exegética, mas decorre da pressuposição de que o livro revela toda a era da igreja. Se quisermos descobrir o que os 1260 dias ou 3 anos e meio simbolizam a partir de outras passagens das Escrituras, basta recorrermos a Daniel 7:25, onde temos “um tempo, tempos e metade de um tempo”, que é 3 anos e meio ou um 7 dividido, o que simboliza um período de perseguição ou angústia escatológica.

Em Daniel, não representa 1206 anos. Como observa Edward J. Young, o propósito dessas designações de tempo é estabelecer mais

definitivamente o último estágio do poder do pequeno chifre como um período de tempo cuja duração é medida por Deus. A palavra usada é diferente daquela na primeira parte do versículo (estações) e é, em si mesma, uma expressão cronologicamente indefinida. Este fato mostra que “uma determinação cronológica do período não está em vista, mas que a designação de tempo deve ser entendida simbolicamente” (Keil). A visão de que a palavra significa um ano é baseada em uma referência a Dan. 4:16; 12:7 e Apoc. 13:5 e 11:2, 3, onde a expressão 42 meses e 1260 dias são empregadas de forma intercambiável. No entanto, como a exposição mostrou, os “sete tempos” de 4:16 não precisam representar sete anos, e certamente é questionável se em outras passagens são indicados períodos de tempo que devem ser considerados cronologicamente. Portanto, parece melhor interpretar a presente passagem simbolicamente. Qual é, porém, o significado do simbolismo? Aparentemente, a expressão pretende indicar a metade de sete tempos, mas, se assim for, qual o significado dessa metade? Esse período, um tempo, tempos e metade de um tempo, aparentemente representa um período de provação e julgamento que, por amor ao povo de Deus, os eleitos, será abreviado (cf. Mt 24:22).¹⁶

Talvez um historicista pudesse recorrer a Daniel 12:11-12, que diz:

“Desde o tempo em que o sacrifício diário for tirado e a abominação da desolação for estabelecida, haverá mil duzentos e noventa dias. Bem-aventurado aquele que espera e chega aos mil trezentos e trinta e cinco dias”.

Quer se procure aplicar esta passagem a Antioquia Epifânio e além, ou à crucificação de Jesus Cristo e além, não há como interpretar esses dias como anos literais. A recusa em ver os 1260 dias como simbólicos de um período de tempo indeterminado (ou talvez de dias literais) coloca o historicista no mesmo atoleiro que os autores

¹⁶ Edward J. Young, *Daniel* (Carlisle, PA: Banner of Truth, [1949] 1972) 161-162.

dispensacionalistas pré-milenistas que estabeleceram datas específicas que, após um período de tempo, se provaram falsas. Muitos de nós somos velhos o suficiente para lembrar de "O Fim do Grande Planeta Terra", de Hal Lindsay, onde ele insinuou uma segunda vinda de Cristo por volta de 1988, ou do livro de Edgar C. Whisenant, "88 Razões pelas Quais o Arrebatamento Acontecerá em 1988".¹⁷

¹⁷ Se alguém ler atentamente obras protestantes sólidas sobre a história da igreja ou o papado, a maioria dos estudiosos identifica o primeiro papa como Leão I (440-461 d.C.) ou Gregório I (590-604 d.C.). Se os 1260 anos forem aplicados a Leão I, a completa e final derrubada do papado deveria ter ocorrido em 1700. Se forem aplicados a Gregório I, deveria ter ocorrido por volta de 1850. Se considerarmos o último ano de Gregório I, deveria ter ocorrido por volta de 1864. Essa grande e final derrubada do anticristo e seus seguidores ainda não ocorreu. Os historicistas, no entanto, discordam amplamente sobre os detalhes das profecias no livro do Apocalipse, e a data de início não é diferente. Algumas das datas oferecidas são: 1 d.C. (Joaquim); 455 (Mede); 533 (Cunningham); 538 (quando os ostrogodos abandonaram o cerco a Roma); 576 (Beugel); 606 (quando Focas se declarou o chefe supremo da igreja); 608 (Elliott); 660 (Melancthon); 672 (Grinness); e 727 (Fysh) (ver Steve Gregg, ed., *Revelation Four Views*, 219). A data mais recente oferecida nos levaria a 1987, que também não foi o ano da destruição final e do fim do papado e da Igreja Católica Romana. Lembre-se de que, de acordo com Matthew Poole, Matthew Henry e muitos outros historicistas, os 1260 dias representam os 1260 anos que vão do início do reinado do Anticristo (e da igreja papal) até a completa destruição e queda do Anticristo. Chegará o momento em que os historicistas terão que admitir que estão errados ou fazer grandes alterações em seu paradigma profético. Enquanto isso, esse problema excepcionalmente sério é ignorado ou os historicistas continuam adiando a data do início da ascensão do papado, contrariando as claras evidências da história da Igreja. Isso me lembra das ambiguidades dos autores dispensacionalistas pré-milenistas no início da década de 1990, quando a data prevista de 1988 não se concretizou. É importante lembrar que não havia unanimidade entre os presbiterianos sobre escatologia no século XVII. Embora rejeitassem fortemente as visões pré-milenistas, alguns, como Baillie, ainda se apegavam à antiga visão agostiniana, sem serem disciplinados ou desassociados. Vale ressaltar que as primeiras décadas do século XVII coincidiram com a ascensão da interpretação das Escrituras que se concentrava em um milênio futuro, em vez de um passado, que normalmente ia de 300 a 1300, como era o caso anteriormente. A *Clavis Apocalyptica* [Chave para o Apocalipse] de Joseph Mede, de 1627, foi publicada em tradução para o inglês em 1642 com um prefácio recomendatório de William Twisse, o primeiro presidente da Assembleia de Westminster. Ela previa um futuro reinado milenar dos santos,

Os Mil Anos do Milênio

Outra interpretação do historicismo ou pós-milenismo clássico que está quase certamente em erro são as ideias de que:

(1) o milênio do capítulo 20 do Apocalipse segue o restante do livro cronologicamente;

(2) os mil anos do Apocalipse devem ser tomados literalmente; e

começando no máximo em 1715. No mesmo ano, o livreto de 59 páginas de John Archer, *O Reinado Pessoal de Cristo na Terra*, foi publicado. Thomas Goodwin havia sido co-pastor com Archer em Arnhem em 1639-40 e tinha visões semelhantes. Ele acreditava que o anticristo (o papado) seria derrubado em 1666. A professora reformada em Herborn, Johann Alsted, fez um breve discurso sobre o assunto. e a sóbria *Diatrise de mille annis apocalíptica*, publicada em 1627, foi publicada em inglês em 1643 como *The Beloved City*, defende um futuro milênio completo começando por volta de 1694, com Cristo no céu, mas os mártires ressuscitados governando por ele na terra. Foi uma época de considerável fermentação... Os escoceses eram geralmente mais sóbrios em sua visão profética e rejeitavam as características distintivas do esquema pré-milenista característico de muitos independentes. Baillie parece seguir o molde agostiniano no que diz respeito ao milênio. No entanto, Gillespie acreditava que o reinado da besta (o papado) terminaria em breve e considera que o tempo de uma condição mais gloriosa e pacífica para a igreja começou em sua própria época, muito provavelmente em 1643” [Veja o sermão de Gillespie pregado perante a Câmara dos Comuns em 27 de março de 1644 em *Sermões Pregados Perante os Ingleses*]. Casas do Parlamento pelos Comissários Escoceses à Assembleia de Teólogos de Westminster 1643-1645, ed. Christopher Coldwell, Dallas: Naphtali, 2011, 341-342]; (Rowland S. Ward, “Introdução” em Christopher Coldwell ed., *O Grande Debate*, XXIV).

(3) os mil anos são um período literal de vitória do evangelho ou uma era de ouro em que todas as nações foram convertidas a Cristo. A ideia básica do historicismo é que a derrubada total e final do papado coincidirá com 1.000 anos de paz e prosperidade. De acordo com o pós-milenismo clássico, a destruição do papado coincidirá com um grande reavivamento mundial e a imposição de ideais cristãos por governantes convertidos ou magistrados civis que creem na Bíblia. Uma vez que o anticristo for destruído, a sociedade será reorganizada. David Steele escreve:

“O trono imperial romano da dominação eclesiástica será destruído... agora o efeito da sétima trombeta se torna um fato histórico. – ‘Os reinos deste mundo’, que eram controlados pela besta e enfeitiçados pelas feitiçarias da mulher lasciva, ‘tornaram-se os reinos de nosso Senhor e de seu Cristo’”.¹⁸

Esses três elementos do pós-milenismo clássico ou historicismo estão em erro e podem ser facilmente refutados pela analogia das Escrituras e por sólidos princípios de interpretação. Examinemos cada um deles por sua vez. Primeiro, a Bíblia ensina que a prisão de Satanás e o início do milênio ocorreram na primeira vinda de Cristo, não em nosso futuro. Essa afirmação é firmemente estabelecida ao observarmos outras passagens não apocalípticas que nos dizem quando a prisão de Satanás ocorreu. A prisão se refere a certas restrições ao diabo, não a uma completa cessação de sua influência. A prisão serve para que o diabo não possa mais enganar as nações (Ap 20:3) como fazia antes. Algo acontece na história da redenção que resulta na incapacidade de Satanás de praticar sua maldade como antes. Há várias passagens que conectam essa prisão à primeira vinda de Cristo.

¹⁸ Notes on the Apocalypse, 268.

Em Mateus 12:28-29, aprendemos que a prisão do diabo começou durante o ministério de Jesus:

“Se eu expulso demônios pelo Espírito de Deus, então o Reino de Deus chegou até vocês. Ou como pode alguém entrar na casa do valente e roubar seus bens, se primeiro não o amarrar? E então poderá saquear a sua casa” (cf. Lc 11:20-21).

A implicação da declaração de nosso Senhor é clara: a expulsão de demônios por Cristo era a prova de que Jesus estava prendendo o valente (Satanás) para saquear a sua casa. O poder de Satanás sobre as nações é quebrado pela encarnação de Cristo e, em particular, por Sua cruz ensanguentada e túmulo vazio. Assim, Jesus proclamou-Se o Salvador do mundo (João 3:16-18) e a luz do mundo (João 8:12; 9:5). Antes da encarnação, as nações (isto é, os gentios) permaneciam sob o poder de engano e influência de Satanás. Fora de Israel, toda a terra estava cheia de idolatria e maldade. Os gentios “andavam em seus próprios caminhos” (Atos 4:16).

Somente Israel possuía os oráculos de Deus (Romanos 3:2), tinha a verdade salvadora da revelação especial e andava de acordo com as leis de Deus. Uma vez que Cristo alcançou uma vitória definitiva sobre Satanás, o pecado e a morte na cruz e ressurreição, Deus “agora ordena a todos os homens, em todos os lugares, que se arrependam” (Atos 17:30).

Philip Edgcumbe Hughes resume de forma primorosa algumas das melhores evidências para esta posição:

“O lançamento do dragão no abismo, portanto, entendemos como coincidindo com sua expulsão do céu, conforme registrado anteriormente em 12:7-9. Isso está de acordo com a declaração feita por Cristo quando os setenta que ele havia enviado retornaram com a alegre notícia de que, em seu nome, até mesmo os demônios estavam sujeitos a eles: “Eu vi Satanás cair do céu como um

relâmpago. Eis que eu vos dei autoridade sobre todo o poder do inimigo” (Lc 10:17-19). Esta afirmação indica que “o homem forte” está preso e confinado, assim como a declaração de Jesus ao se aproximar da provação e da vitória da cruz: “Agora é o julgamento deste mundo; agora será expulso o príncipe deste mundo; e eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim mesmo” (Jo 12:31-32). Assim também, o Senhor ressuscitado comissionou seus apóstolos com estas palavras de encorajamento: “Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra. Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações” (Mt 28:18-19). Não é mais capaz de enganar as nações: “o enganador de todo o mundo” (12:9). É Cristo quem exerce o poder e a autoridade em todo o universo, quem atrai todos os homens a si e quem envia seus servos para fazer discípulos de todas as nações; pois é ele, e não o diabo, cujo destino é “governar todas as nações” (12:5). Que Cristo é mais forte que Satanás fica claramente evidente também na Epístola aos Hebreus, onde lemos que, em sua encarnação, o Filho de Deus participou da nossa natureza humana, “para que, por meio da morte, anulasse aquele que tem o poder da morte, isto é, o diabo, e libertasse todos os que, pelo medo da morte, estavam sujeitos à escravidão por toda a vida” (Hebreus 2:14-15).

Essa evidência leva à conclusão de que os mil anos durante os quais Satanás esteve preso e confinado tiveram seu início com a encarnação do Filho eterno e, em particular, com a concretização do propósito da encarnação, a saber, a conquista de Satanás e seu reino da cruz do Calvário e a redenção do homem pela graça que flui da cruz – uma conquista confirmada e assegurada pela ressurreição de Cristo dentre os mortos e sua ascensão e entronização em glória à direita da Majestade nas alturas (Hb 1:3; 12:2).¹⁹

David Chilton concorda e observa por que a vitória e a prisão de Cristo estão ligadas à destruição da Jerusalém apóstata:

¹⁹ Philip Edgcumbe Hughes, *The Book of Revelation* (Grand Rapids: Eerdmans, 1990), 210-211).

“Toda a mensagem do Novo Testamento (cf. Ef 4:8; Cl 2:15; Hb 2:14) enfatiza que Satanás foi definitivamente derrotado na vida, morte, ressurreição e ascensão de Jesus Cristo. É absolutamente crucial lembrar que, ao falarmos da “Ascensão” de Cristo — Sua Vinda ao Trono do Ancião de Dias (Daniel 7:13-14) — não estamos falando apenas de Seu ato isolado de ascender à Nuvem, mas também das consequências diretas e imediatas desse ato: o derramamento do Espírito sobre a Igreja em 30 d.C. (Lucas 24:49-51; João 16:7; Atos 2:17-18, 33) e o derramamento da ira sobre Jerusalém e o Templo em 70 d.C. (Daniel 9:24-27; Atos 2:19-20). Pentecostes e Holocausto foram a Ascensão aplicada. O ato final no drama da prisão definitiva (em contraposição à prisão progressiva e consumada) de Satanás se desenrolou na destruição do sistema da Antiga Aliança.

É por isso que São Paulo, escrevendo alguns anos antes do evento, pôde assegurar à Igreja que “o Deus da paz em breve esmagará Satanás debaixo dos vossos pés” (Romanos 16:20).

Por todas essas razões, geralmente é sugerido por autores pós-milenistas e amilenistas modernos que a prisão de Satanás, para que ele não enganasse mais as nações, refere-se à sua incapacidade de impedir que a mensagem do Evangelho alcançasse sucesso. E, até certo ponto, essa interpretação certamente tem respaldo bíblico: antes da vinda de Cristo, Satanás controlava as nações; mas agora seu domínio mortal foi quebrado pelo Evangelho, à medida que as boas novas do Reino se espalharam por todo o mundo. O Senhor Jesus enviou o apóstolo Paulo às nações gentias “para lhes abrir os olhos para que se convertam das trevas para a luz e do domínio de Satanás para Deus, a fim de que recebam o perdão dos pecados e herança entre os que são santificados pela fé em Mim” (Atos 26:18). Cristo veio “para reinar sobre os gentios” (Romanos 15:12). O fato de Satanás ter sido preso não significa que toda a sua atividade tenha cessado. O Novo Testamento nos diz especificamente que os demônios foram desarmados e presos (Colossenses 2:15; 2 Pedro 2:4; Judas 6) — contudo, eles ainda estão ativos. Apenas sua

atividade está restrita. E, à medida que o Evangelho avança pelo mundo, sua atividade se tornará ainda mais limitada. Satanás é incapaz de impedir a vitória do Reino de Cristo. Nós venceremos (1 João 4:4). “Saibam, portanto, que esta salvação de Deus foi enviada aos gentios, e eles a ouvirão” (Atos 28:28).²⁰

As evidências bíblicas que ligam a prisão de Satanás à primeira vinda de Cristo são esmagadoras. Qual é a evidência para a visão historicista? Não há nenhuma. Ela se baseia na pressuposição de que o livro é cronológico; que os dias são anos e que o papado é o grande inimigo da igreja na história, que deve ser derrotado e obliterado antes do início do milênio. É uma questão de: se alguém aceita A, então B se segue e, se alguém aceita B, C faz todo o sentido. Mas se qualquer um dos alicerces dessa interpretação, que são pressuposições, for refutado, todo o sistema desmorona. Talvez essa seja a razão pela qual os historicistas modernos se recusam a defender suas posições exegeticamente contra as críticas exegéticas pós-milenistas modernas, que são devastadoras para a antiga visão puritana.

A única resposta que ouvi é que essa é a posição dos teólogos originais de Westminster, portanto, deve ser verdade. Essa resposta comum é implicitamente romanista e perigosa para as igrejas presbiterianas que creem na Bíblia. Ela pressupõe que os concílios não podem errar, embora nossa própria Confissão de Fé diga que podem (CFW 31.4); e que os clérigos do século XVII eram infalíveis e perfeitamente unidos em escatologia, o que não é verdade. Pressupõe que os teólogos de Westminster queriam fazer do historicismo (uma interpretação altamente especulativa de um livro difícil) uma questão crucial de fé que, se não fosse totalmente aceita, mereceria censura e divisão na igreja (tal visão está quase certamente em erro).²¹ Pressupõe que, na área da escatologia, a igreja acertou em

²⁰ David Chilton, *The Days of Vengeance*, 502-503.

²¹ A Confissão de Fé de Westminster diz: “Nem todas as coisas nas Escrituras são igualmente claras em si mesmas, nem igualmente claras para todos: contudo, aquelas

tudo no século XVII e que nenhuma pesquisa ou progresso adicional pode ou deve ser tentado. Espera-se que os cristãos modernos ignorem erros óbvios (por exemplo, se os dias são anos, o papado deveria ser história e deveríamos estar na era de ouro agora; Jerusalém não pode ser Roma; o livro claramente contém elementos de recapitulação; etc.) e simplesmente se apoiem na sabedoria dos pais. Tal pensamento tem mais em comum com Trento do que com Genebra.

Não se deve esperar que deixemos nosso cérebro de lado para sustentar uma tradição duvidosa e mal embasada. Em sua maioria, os comentários historicistas sobre o Apocalipse não são exegéticos. Os comentaristas passam a maior parte do tempo tentando encaixar eventos da história no simbolismo do livro. Embora tais esforços sejam muito interessantes, são essencialmente especulativos e, usando os princípios padrão de interpretação bíblica, não podem ser comprovados como verdadeiros ou falsos. As aplicações de todas as diversas posições são geralmente as mesmas e muitas vezes são muito úteis, no entanto. Mas “se o significado das profecias não puder ser identificado com certeza, mesmo após o seu cumprimento, o valor das profecias para os leitores de qualquer período, seja antes ou depois do cumprimento, fica seriamente em questão”.²²

Além disso, como o historicismo defende um fluxo de diferentes significados, parece bastante irracional e injusto criticar aqueles que não aceitam esse fluxo. Em meu estudo das duas testemunhas do Apocalipse, encontrei diversas interpretações diferentes antes de decidir que um estudo da posição historicista era muito complexo e fragmentado para ser útil (mais uma vez, a aplicação relativa à

coisas que são necessárias para serem conhecidas, cridas e observadas para a salvação são tão claramente propostas e reveladas em algum lugar das Escrituras, que não apenas os eruditos, mas também os não eruditos, no devido uso dos meios ordinários, podem alcançar uma compreensão suficiente delas [2 Pedro 3:16].”

²² Steve Gregg ed., *Revelation: Four Views*, 37 (emphasis added).

necessidade de sermos testemunhas fiéis, sofrermos perseguição por Cristo e perseverarmos até o fim é útil e é ensinada por expositores de todas as escolas). A respeito do historicismo, Moses Stuart escreve:

“Até o momento, quase não houve consenso entre dois expositores [historicistas] originais e independentes em relação a alguns pontos muito importantes para a interpretação do livro”.²³

Um estudioso observou que “pelo menos cinquenta sistemas diferentes de interpretação surgiram somente da perspectiva histórica”.²⁴ O historicismo, como sistema de interpretação, é uma hidra com centenas de cabeças. Há algumas diferenças entre os preteristas parciais, bem como entre as interpretações amilenistas do livro; mas entendemos que o livro é difícil e não acusamos nossos irmãos historicistas de serem hereges ou indignos da Santa Ceia.

Pessoas que pertencem a uma escola de pensamento muito fragmentada e contraditória deveriam aprender um pouco de humildade.

Eu perguntaria aos meus irmãos historicistas se faz sentido, de uma perspectiva bíblica e lógica, considerar um pós-milenista preterista parcial como um herege merecedor de disciplina eclesiástica quando comentaristas e estudiosos historicistas, desde o início até o presente, têm demonstrado completa incapacidade de concordar sobre o cumprimento específico da vasta maioria das profecias do livro? A não pode ser não-A ao mesmo tempo. B não pode ser não-B. Obviamente, como a maioria dos historicistas discorda sobre uma série de profecias importantes, a lógica simples nos diz que a maioria das interpretações historicistas não pode ser verdadeira. Na verdade,

²³ Moses Stuart, *A Commentary on the Apocalypse* (Andover, MA: Allen 1845), I:V; in *Ibid*, 36.

²⁴ John Walvoord, *The Revelation of Jesus Christ* (Chicago: Moody, 1966), 19; in *Ibid*, 37.

elas são falsas. Os historicistas dogmáticos que querem tratar os intérpretes preteristas parciais do livro do Apocalipse como hereges não refletiram cuidadosamente sobre suas suposições intolerantes, arrogantes e, muitas vezes, irracionais.

A compreensão historicista dos mil anos

De acordo com o historicismo (ou pós-milenismo puritano clássico), os 1.000 anos de Apocalipse 20 seguem a queda do papado e referem-se a um período literal de 1.000 anos. Tendo notado que sua cronologia está completamente errada porque eles identificam erroneamente quando ocorreu a prisão de Satanás (um erro grave de exegese causado por ignorar a analogia das Escrituras e impor um paradigma escatológico ao texto), voltamos nossa atenção para os 1.000 anos em Apocalipse 20. Se permitirmos que as Escrituras interpretem as Escrituras, o significado dos 1.000 anos é bastante óbvio. Na Bíblia, o número 1.000 (um número grande, arredondado) é usado para indicar uma plenitude de quantidade. O número 10, que frequentemente indica uma quantidade completa, é multiplicado (10x10x10) para indicar um período vasto e imenso.

Assim, Deus afirma ser o dono de “o gado em mil colinas” (Sl 50:10). Isso, é claro, não significa que o gado na milésima primeira colina pertença a outra pessoa. Deus é o dono de todo o gado em todas as colinas. Mas Ele diz “mil” para indicar que há muitas colinas e muito gado (cf. Dt 1:11; 7:9; Sl 68:17; 84:10; 90:4). Da mesma forma, os mil anos de Apocalipse 20 representam um vasto período de tempo indefinido.²⁵

Hughes escreve:

²⁵ David Chilton, *The Days of Vengeance*, 507.

“Os mil anos podem ser definidos como o período entre as duas vindas de Cristo ou, mais estritamente, entre o retorno do Filho ascendido à glória, sua missão na Terra concluída e a soltura de Satanás “por um pouco de tempo” (versículo 3 acima). Este último, porém, é o evento final deste período e termina, como vimos, na derrota definitiva de Satanás e suas hostes na segunda vinda de Cristo. Esta é a perspectiva claramente delineada na afirmação de Hebreus 10:12-13, de que “tendo Cristo oferecido para sempre um único sacrifício pelos pecados, assentou-se (entronizado) à direita de Deus, para então esperar até que os seus inimigos sejam postos por escabelo dos seus pés” (cf. Sl 110:1); e é precisamente isso que São Paulo afirma quando escreve que “é necessário que ele reine até que haja posto todos os seus inimigos debaixo dos seus pés” (1 Coríntios 15:25)”.²⁶

²⁶ Philip Edgcumbe Hughes, *O Livro do Apocalipse*, 212. Os comentários de Kenneth L. Gentry Jr. são úteis: “A compreensão correta do período de mil anos em Apocalipse 20 é que ele representa uma era longa e gloriosa e não se limita a 365.000 dias literais. A figura representa um cubo perfeito de dez, que é o número da perfeição quantitativa. O mil aqui não é mais literal do que aquilo que afirma a posse de Deus sobre o gado em mil colinas (Salmo 50:10), ou promete que Israel será mil vezes mais numeroso (Deuteronômio 1:11), ou mede o amor de Deus por mil gerações (Deuteronômio 7:9), ou expressa o desejo por mil anos nos átrios de Deus (Salmo 84:10), ou compara mil anos do nosso tempo a um dos dias de Deus (Salmo 90:4). O milênio A designação, então, é a representação visionária de João do reino de Cristo, que foi estabelecido na primeira vinda de Cristo. Apocalipse 20:1 estabelece claramente a passagem como uma visão; João começa com: “e vi” (Ap 20:1a). Isso sugere fortemente seu significado simbólico e é uma evidência contra uma interpretação estritamente literal dos mil anos. Além disso, o primeiro evento visto na visão é a prisão do anjo Satanás com uma corrente, o que certamente não é literal (especialmente porque Sua prisão é mostrada como espiritual em outro lugar: Mt 12:29). Apocalipse 20:4-6 fala dos santos vivendo e reinando com Cristo, o que é apresentado em outros lugares como uma realidade espiritual na presente experiência do povo de Deus (1 Cor 13:21-22; Ef 1:3; 2:6; Cl 3:1-2). Este reinado dos santos com Cristo em tronos representa o reino de Cristo, que já está estabelecido. estabelecido (cf. Capítulo 11). Seu reino, então, é definido cronologicamente como um tempo completo e perfeito” (Ele Terá Domínio, 335-336).

Para o historicista, interpretar literalmente um número usado simbolicamente nas Escrituras (e agora usado em um livro altamente simbólico) não faz sentido algum; especialmente considerando que isso levará à definição de datas. A definição da data dos 1260 dias foi um fracasso, e as tentativas de definir uma data para a segunda vinda também serão um fracasso. A era milenar já dura quase 2.000 anos e pode continuar por mais alguns milhares. Simplesmente não sabemos. É um período em que Jesus está subjugando as nações pelo evangelho, acompanhado pelo Seu Espírito. Embora as profecias do Antigo Testamento indiquem um período de sucesso do evangelho, quando o cristianismo bíblico será a visão de mundo predominante e a religião da aliança de muitas nações, não há nenhuma razão exegetica sólida ou confiável para ensinar que a era de ouro durará 1.000 anos; pode ser muito menos ou até muito mais. Não sabemos.

Outros problemas com a cronologia historicista

A visão historicista, que essencialmente considera o papado e a Igreja Católica Romana como o principal inimigo da verdadeira igreja, a qual deve ser destruída antes do início do milênio, apresenta outros problemas sérios.

Primeiro, há a questão da relevância para o público. Parece bastante estranho que o público que estava sendo perseguido por judeus e romanos se confortasse com a ajuda de previsões para mais de 1.500 anos no futuro. Por que ignorar a perseguição da igreja apostólica e das primeiras gerações, bem como a apostasia judaica que resultou na morte de Cristo e nas primeiras perseguições, para se concentrar no papado da Idade Média e do período da Reforma? Parece que aqueles que elaboraram a visão historicista protestante do Apocalipse foram culpados de projetar suas próprias experiências na profecia. Dada a grande corrupção e o poder do papado naquela época, essa visão é compreensível.

Em segundo lugar, os historicistas ignoram o fato de que os eventos mais recentes da história mundial não se encaixam em seu paradigma. Se levarmos em conta a história dos últimos séculos, a visão historicista é totalmente insustentável. A Igreja Católica Romana não tem poder político de perseguição. Ela não está torturando ou decapitando cristãos. É um perigo teológico, mas é impotente e seriamente comprometida com o modernismo e o

humanismo secular. A Igreja papal não consegue controlar seus próprios membros, muito menos os protestantes. Nas duas nações mais católicas (Irlanda e Espanha), o aborto é legal e os sodomitas podem se casar abertamente. A Igreja Católica Romana raramente disciplina ou excomunga seus próprios membros desviados. A grande besta perseguidora católica romana do final da Idade Média e do período da Reforma, que levou à posição historicista, agora está inofensiva, ecumênica, antinomiana e excepcionalmente fraca.

Se a posição historicista fosse verdadeira ou precisa, o grande inimigo que precedeu o milênio não seria o catolicismo romano, mas o estatismo humanista secular em todas as suas formas. Os estados comunistas durante o século XX torturaram e assassinaram mais cristãos do que o Império Romano e a Igreja papal juntos. O atual presidente dos Estados Unidos (Barack Hussein Obama) e o Partido Democrata representam uma ameaça muito maior para os cristãos do que a Igreja Católica Romana. Se o livro do Apocalipse é uma história cronológica da Igreja cristã até a segunda vinda, por que se concentra no papado imediatamente antes do milênio, quando este é quase irrelevante, e ignora os milhões de cristãos assassinados por comunistas e ditadores fascistas? Devemos nos apegar a uma tradição humana mesmo que ela tenha sido desmentida pela história? Somos hereges por apontar erros óbvios no sistema historicista que não podem ser explicados? Devemos parar de usar nosso intelecto e lógica simples para satisfazer tradicionalistas ignorantes? Será que Deus focaria nossa atenção naqueles que mataram milhares, mas ignoraria aqueles que mataram milhões? É notável que, nas áreas em que os intérpretes protestantes não conseguiram simplesmente conectar trechos do livro a eventos passados da história (ou seja, eventos futuros), todos eles estavam errados. Se o milênio estivesse em nosso futuro (demonstramos acima que não está) e o Apocalipse descrevesse os eventos imediatamente anteriores a ele, a igreja papal desempenharia, no máximo, um papel secundário.

Terceiro, outro grande problema do historicismo que revela que ele é um produto de europeus que pensam eurocentricamente é o seu silêncio sobre as igrejas fora da Europa e do Ocidente. Lembre-se, o livro do Apocalipse deveria ser um panorama da história da igreja até a segunda vinda. Por que, então, ele se concentra no papado e na destruição do papado e ignora as comunidades ortodoxas orientais que exercem influência na Grécia, Ucrânia, Rússia e na maioria dos países do Leste Europeu? Este território é muito maior que a Europa Ocidental e contém mais de 200 milhões de pessoas. A derrubada do papado não teria efeito algum sobre as igrejas orientais que também negam a justificação somente pela fé e adoram ídolos (ícones). A Igreja Ortodoxa Russa está em conluio com Vladimir Putin, que é um gangster e assassino em massa. Essas igrejas apóstatas e perversas não se curvam perante Roma nem se submetem ao papa.

Além disso, o que dizer de lugares como a África, a China e a Coreia do Sul? Se as tendências atuais continuarem, haverá mais cristãos na Ásia do que na Europa. Por que o livro do Apocalipse silencia sobre essa mudança de visão de mundo? Será que Deus se preocupa apenas com as igrejas na Europa? O historicismo, assim como as interpretações futuristas dispensacionalistas modernas, é tendencioso e reflete claramente a época em que foi desenvolvido.

À medida que as décadas passam e as coisas mudam radicalmente na Europa, na América e no resto do mundo, o historicismo se tornará cada vez mais irrelevante, porque ficará cada vez mais óbvio que ele é errôneo. Exigir que nos apeguemos a um ensinamento como se fosse uma doutrina clara — facilmente verificável pelas Escrituras — quando, na verdade, os historicistas nem sequer conseguem concordar entre si sobre a maioria das coisas, e sua visão tem problemas tão sérios, não é exegetico, racional ou caridoso. É uma posição teimosa, ignorante e tola, enraizada na fé em tradições humanas. Até que essas objeções exegeticas e históricas sejam respondidas, estamos justificados em questionar os santos padres

sobre este assunto. As Escrituras sempre prevalecem sobre as opiniões humanas.

Essa recusa dos historicistas modernos em encarar a realidade tem sérias consequências para aplicações práticas na vida real. Embora eu reconheça a maldade da Igreja papal e tenha escrito e pregado frequentemente contra ela, não se deve criticar desmedidamente a Igreja papal a ponto de negligenciar nossa ameaça mais perigosa e atual, que é o estatismo humanista secular. A perseguição nos Estados Unidos vem de liberais cristãos e ateus, não de bispos ou cardeais.

As visões não-historicistas do Apocalipse são inconfessionais?

Um dos aspectos interessantes desta discussão sobre os sérios e insuperáveis problemas associados ao historicismo é a resposta dos historicistas. Em vez de interagirem com meus argumentos e tentarem refutá-los exegética ou logicamente, a resposta tem sido: “Isso não é confessional”.

Em relação a essa resposta, precisamos fazer algumas observações importantes. Primeiro, trata-se, na melhor das hipóteses, de um apelo a uma autoridade humana não inspirada (um padrão subordinado à igreja) e, na pior, de um simples ataque ad hominem. Se os Padrões de Westminster exigem que os cristãos adiram a uma teoria específica sobre o livro do Apocalipse (que todos reconhecem ser um livro difícil e apocalíptico, repleto de simbolismo e metáforas), isso seria incompatível com o restante dos Padrões, que se concentram cuidadosamente em doutrinas claras e facilmente comprováveis.

Segundo, os Padrões de Westminster não se referem especificamente ao livro do Apocalipse. Isso é assumido com base no ensinamento encontrado em 25:6: “Não há outro chefe da Igreja, senão o Senhor Jesus Cristo; nem pode o Papa de Roma, em qualquer sentido, ser o seu chefe; mas é o Anticristo, aquele homem do pecado e filho da perdição, que se exalta, na Igreja, contra Cristo e tudo o que se chama Deus. [Col 1:18; Ef 1:22; Mt 23:8-10; 2 Ts 2:3-4, 8-9; Ap 13:6]”.

O foco de 25:6 está em três coisas:

(1) Jesus Cristo é o único cabeça da igreja.

(2) O papa de Roma não é, em nenhum sentido, o cabeça da igreja.

(3) Ele é, antes, um impostor perverso, “aquele Anticristo”, um apóstata que se exalta acima de todos e é, na verdade, contra Deus e Jesus Cristo.

Um preterista parcial pode honestamente acreditar e jurar fidelidade a todas as três afirmações. Observe que os autores da Confissão tiveram o cuidado de não dizer “o anticristo”, mas “aquele anticristo”. Se tivessem dito “o anticristo”, teriam entrado em conflito com o apóstolo João, que nos diz para não pensarmos em termos de apenas um anticristo, mas de muitos. Portanto, se mudarmos “aquele”, que indica um anticristo específico entre muitos, para “o”, distorcemos a Confissão e negamos as Escrituras. É importante ter em mente que existem apenas quatro passagens das Escrituras que mencionam expressamente o “anticristo”, todas nas epístolas de João (1 João 2:18, 22; 4:3; 2 João 7). João corrige a noção falsa de anticristo que havia surgido entre os cristãos de sua época; ele declara que o anticristo não é algo distante no futuro, mas uma realidade presente. Em segundo lugar, ele diz que o anticristo não é um único indivíduo, mas um grande grupo de pessoas. Em terceiro lugar, ele define o anticristo não como uma pessoa (um futuro líder mundial), mas como um movimento atual: “Filhinhos, esta é a última hora; e, como ouvistes que o anticristo está vindo, já agora muitos anticristos têm surgido, por isso sabemos que esta é a última hora” (1 João 2:18).

Muitos cristãos na época de João tinham ouvido falar que o anticristo (singular) estava vindo. João respondeu dizendo que, mesmo agora, muitos anticristos (plural) já haviam surgido. O verbo

“ter surgido” ou “ter vindo” (gegonasin) indica que esses anticristos surgiram no passado e ainda estavam presentes. A presença desses anticristos provava que “esta é a última hora” (2:18). Assim, fica evidente que João (que escreveu o livro do Apocalipse) rejeitou a ideia de um anticristo futuro e singular; em vez disso, ele alertou os cristãos sobre um movimento herético (ou movimentos). Há muitos anticristos. “Porque muitos enganadores têm saído pelo mundo, os quais não confessam que Jesus Cristo veio em carne. Este é o enganador e o anticristo” (2 João 7). “Quem é o mentiroso, senão aquele que nega que Jesus é o Cristo? Este é o anticristo, que nega o Pai e o Filho” (1 João 2:22). “‘Esses anticristos que surgiram’, diz João, ‘pertenciam a nós, mas não eram dos nossos.’ Em outras palavras, eles assumiram a posição cristã, alegaram ser cristãos, professaram ser mestres da Igreja Cristã, e ainda assim foram separados dos cristãos para que ficasse claro para todos que não eram dos cristãos. Em outras palavras, eles alegavam se deleitar na verdadeira religião e, no entanto, a destruíram”.²⁷

João concentrou a atenção de seus leitores em um, ou talvez dois, movimentos heréticos. O primeiro, provavelmente de origem gnóstica, negava a verdadeira humanidade de Jesus Cristo (2 Jo 7). O segundo, provavelmente de origem judaica, negava que Jesus fosse o Messias (1 Jo 2:22). “João aplica claramente a concepção do único anticristo (ho antichristos) à tendência genérica de promover mentiras sobre a identidade de Cristo”.²⁸ “Todo espírito que não confessa que Jesus Cristo veio em carne não é de Deus. E este é o espírito do anticristo, do qual vocês ouviram que viria, e agora já está no mundo” (1 Jo 4:3). “O Anticristo não é um governante individual e malévolo que paira sobre o nosso futuro. Em vez disso, o Anticristo era uma

²⁷ Martyn Lloyd-Jones, *Walking with God: Studies in I John* (Wheaton, IL: Crossway, 1993), 100.

²⁸ Kenneth L. Gentry Jr., *He Shall Have Dominion* (Tyler, TX: Institute for Christian Economics, 1992), 373.

tendência herética contemporânea a respeito da pessoa de Cristo, que era corrente entre muitos nos dias de João”.²⁹

Muitos historicistas não estão satisfeitos com o fato de que preteristas parciais possam crer e jurar pelos três pontos da Confissão de Fé 25:6. Eles argumentam que é preciso aceitar o historicismo para ser confessional por dois motivos.

(1) Eles afirmam que os teólogos de Westminster eram todos historicistas e, portanto, é preciso aceitar o historicismo para ser confissão. Em relação a esse argumento, respondemos com as seguintes observações:

(1) Os autores dos Padrões de Westminster acreditavam em muitas coisas, mas nós só precisamos afirmar o que os Padrões realmente ensinam. Os autores da Confissão provavelmente acreditavam que o sol, os planetas e as estrelas giravam em torno da Terra. Mas não precisamos crer nisso para ser confessional. Havia supralapsarianos, assim como sublapsarianos. Havia pequenas diferenças a respeito da reprovação. Havia até algumas diferenças a respeito do lugar que a obediência ativa e passiva ocupa no sistema do evangelho. Mas eles concordaram com o que estava escrito nos Padrões e não esperavam que lêssemos suas mentes ou fôssemos além dos Padrões para adotá-los. Em outras palavras, não é preciso um doutorado em história da igreja ou teologia histórica para ser fiel aos Padrões.

(b) Se formos obrigados a afirmar tudo o que os autores dos Padrões acreditavam, seja explicitamente ensinado nos Padrões ou não, então os Padrões de Westminster realmente não são nosso padrão subordinado. Em vez disso, adotamos um sistema do qual os Padrões são apenas uma pequena parte. Na verdade, estamos seguindo um tipo de exaltação da tradição romana, onde o padrão é realmente algo semelhante ao consentimento unânime dos pais de

²⁹ Ibid, 374.

Roma. O grande perigo aqui é que, em vez de a tradição servir como ajuda ou guia em questões de doutrina sob a sola Scriptura, a tradição se torna uma coautoria ao lado das Escrituras. (Este é o grande erro dos Steelitas.) Isso não significa que eu seja contrário a uma busca diligente e ao estudo cuidadoso da história e da teologia da igreja como auxílio para discernir a verdade. Mas, como protestantes, devemos estar dispostos e aptos a defender tudo o que cremos, confessamos e ensinamos, apelando às Escrituras usando as regras protestantes padrão de interpretação (histórica, gramatical, teológica). Se não pudermos fazer isso, estaremos depositando nossa fé em homens pecadores não inspirados e não na Palavra de Deus. Os historicistas presbiterianos que simplesmente apelam aos pais da igreja sem serem capazes de provar sua posição a partir das Escrituras ou responder às objeções sérias à sua posição usando a Bíblia não são diferentes dos teólogos romanistas que pedem a seus seguidores ignorantes que tenham uma fé implícita nas autoridades da igreja. Simplesmente não estou disposto a depositar minha fé em erros óbvios de interpretação devido a preconceitos (por exemplo, Jerusalém é igual a Roma) ou posições que obviamente contradizem a história (por exemplo, o papado será derrubado após 1.260 anos, etc.).

(2) O melhor argumento para a Confissão que defende o historicismo é o fato de que o terceiro ensinamento de 25:6 a respeito do caráter do “Papa de Roma” ou do papado se baseia em uma alusão ou paráfrase livre de 2 Tessalonicenses 2:3-4:

“Ninguém vos engane de maneira alguma; porque aquele dia não virá sem que primeiro venha a apostasia, e seja revelado o homem do pecado, o filho da perdição, o qual se opõe e se exalta acima de tudo o que se chama Deus ou é objeto de culto, de modo que se assenta como Deus no templo de Deus, proclamando-se Deus”.

A confissão substitui “que se exalta na Igreja” por “assenta-se como Deus no templo de Deus”. Não há dúvida de que esses

versículos são cruciais para a compreensão historicista das Escrituras. Mas entre os historicistas, há alguns que dizem que tais afirmações podem ser aplicadas primeiro aos imperadores romanos, pois o versículo 7 diz que o maligno “mistério da iniquidade” já estava em ação. Se o preterista parcial concorda com a descrição do papa na Confissão e ensina que é uma aplicação legítima do texto, como pode ser acusado de ser anticonfessional? Lightfoot, membro da Assembleia de Westminster, era um preterista parcial e não foi tratado como herege nem disciplinado.

Conclusão

O historicismo é um sistema antigo e respeitável de escatologia que foi aceito pela maioria dos protestantes por mais de um século e meio. Mas vários de seus ensinamentos são baseados em passagens difíceis e algumas de suas previsões não se concretizaram. Considerando os muitos problemas sérios, exegéticos e históricos associados a ela, aqueles que querem fazer de sua aceitação uma condição para a comunhão estão indo além do ensinamento das Escrituras e não estão agindo com bom senso ou caridade cristã. O argumento de que é preciso aceitá-la integralmente para ser confessional é duvidoso e insustentável. Se a Confissão exige a aceitação de uma certa interpretação que pode ser refutada, então ela deve ser emendada para refletir a realidade.³⁰

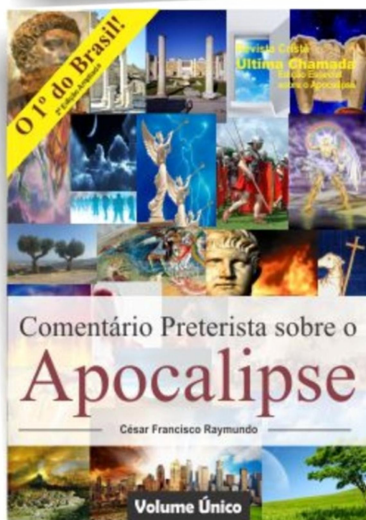
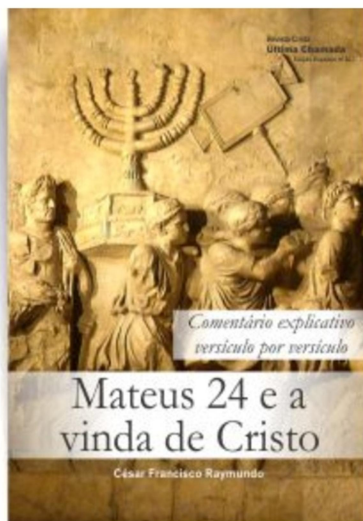
³⁰ A associação do papado com o Anticristo é um desenvolvimento tardio que começou com John Wycliffe (c. 1330-84, reformador inglês) e seus seguidores chamados lolardos, John Huss (c. 1369-1415, reformador boêmio), Savonarola (1452-98, reformador italiano) e Gailier de Kaisenberg. A maioria dos pais da igreja antiga viu 2 Tessalonicenses 2:3-4 como cumprido no imperador romano. Crisóstomo e muitos depois dele veem um cumprimento em Nero (esta é a visão do preterista parcial Kenneth L. Gentry Jr.). Irineu (Adv. Hoer. v.25) e Cirilo de Jerusalém acreditavam que sentar-se no templo de Jerusalém deveria ser interpretado literalmente, mas se refere a um templo reconstruído. Teodoneto viu um cumprimento na ascensão das heresias gnósticas. Agostinho (De Civ. Dei, 19, 20) vê o homem do pecado coletivamente como se referindo a um príncipe e seus seguidores. “Em geral, a interpretação dos Padres é simplesmente textual. Somente quanto a como a profecia se ajusta ao horizonte temporário do Apóstolo, sobre esse ponto eles têm pouco a dizer. É somente no terceiro século que alguns (e primeiro os Commodianos) adotam a ideia de que Nero voltará como o Anticristo. Então, na Idade Média, noções fantásticas foram

propagadas sobre o Anticristo como um tirano ímpio” (C.A. Auberlen e C.J. Riggerback, “As Duas Epístolas de Paulo aos Tessalonicenses”, em John Peter Lange, Comentário sobre as Sagradas Escrituras [Grand Rapids: Zondervan, 1960], 134). O fato de os padres da igreja, que sabiam ler, pensar e escrever em grego, não terem adotado a visão historicista comprova que a passagem é complexa e que poderia ser aplicada a líderes políticos.

Obras importantes para pesquisa

Faça download de nossos outros títulos em

www.revistacrista.org



Revista Cristã
Última Chamada

O livro mais
Amargo
da Bíblia dá suporte a



**Esperança
Pós-milenista?**

César Francisco Raymundo

KENNETH L. GENTRY JR.

**PÓS-MILENARISMO
PARA LEIGOS**

VOCÊ PODE ENTENDER
A PROFECIA BÍBLICA



**Refutando o
Amilenismo
Dispensacionalismo
Pré-milenismo
Clássico**

Jay Rogers

César Francisco Raymundo

revista cristã
última chamada

**E se Deus
não tivesse nascido
de mulher?**